

# Territórios da Boa Nova: os espaços da festa e os limites da palavra<sup>1</sup>

GUILHERME AMARAL LUZ\*

---

**Resumo:** Neste artigo, observamos como os espaços nos quais davam-se as festas religiosas quinhentistas no Brasil eram constituídos como festivos. Ao mesmo tempo, visamos perceber as diferentes formas de festas comportadas em cada espaço como limites estabelecidos para a proclamação do testemunho cristão.

**Abstract:** In this article, we observe how the spaces in which the sixteenth century religious festivities occurred in Brazil were made festive. Besides, we aim to perceive the different forms of festivities held in each space as established limits to the proclamation of the Christian testimony.

**Palavras-chave:** Festa religiosa. Jesuítas. Discurso religioso.

**Key words:** Religious celebration. Jesuits. Religious discourse.

---

A partir, da leitura de cartas de missionários jesuítas do primeiro século da colonização e da narrativa epistolar de Fernão

---

<sup>1</sup> O texto que segue é um excerto do segundo capítulo de nossa dissertação de mestrado. Nele, discutimos as transformações que as festas religiosas do Brasil quinhentista processavam no espaço, para configurá-lo como festivo, instaurando uma temporalidade própria, na qual o testemunho cristão poderia ser proclamado. Corresponde, com leves modificações, ao trecho que vai da página 58 a 66, fazendo parte do segundo item do Capítulo II: "Com fome de cera: os sentidos da festa para a religiosidade cristã no Brasil quinhentista." Ver: LUZ, Guilherme Amaral. *As festas e os seus papéis: as representações e dramatizações alegóricas jesuíticas no interior das festas religiosas do Brasil quinhentista*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1999. Dissertação de mestrado orientada pelo professor Dr. Paulo C. Miceli e julgada pela banca examinadora composta pelos professores Dr. Alcir Pécora e Dr. Leandro Karnal, no dia 25 de março de 1999.

\* Mestre em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e aluno de doutorado da mesma.

Cardim, percebemos a íntima relação entre a escolha dos espaços e a intervenção simbólica neles como fundante dos tipos de festa neles projetados. As correspondências jesuíticas visam prestar contas com as autoridades da Companhia de Jesus a respeito da festa como prática legítima e adequada aos projetos missionários. Por isto, local, momento, público participante, práticas e símbolos devem formar uma totalidade articulada que permita uma comunicação eficaz da “verdade” cristã, dando conta de afetar os participantes, ao mesmo tempo que sem ferir a ortodoxia. Os espaços da festa são, assim, entendidos como horizontes de sentido, cenários significativos, territórios não só físicos, mas também limites do discurso religioso.

\* \* \*

Fosse em Portugal, no mar, nas colônias da África, da Ásia ou da América, a festa cumpria um papel importante para a vida religiosa durante o século XVI. Um estudo de Renata de Araújo sobre a cidade de Lisboa e seus “espetáculos” na época dos descobrimentos revela a espetacularidade permeando uma ampla parcela das práticas sociais em Lisboa. Segundo a autora, as festas, as procissões, enfim, todas as formas de espetáculo eram ocasiões para uma simbiose do sagrado e do profano, sendo que considera sagrado como simbolismo religioso e profano como necessidade de prazer.<sup>2</sup> As festas ocupavam as ruas, as igrejas, os espaços públicos em geral, toda a cidade. Também Paulo Miceli, em seu *O ponto onde estamos*, menciona a espetacularidade como fortemente presente na vida de Lisboa e destaca a procissão como principal espetáculo. As ocasiões para as procissões eram múltiplas: recebimentos de monarcas, pedidos a Deus para que afastasse epide-

<sup>2</sup> Ver: ARAÚJO, Renata de. *Lisboa – a cidade e o espetáculo na época dos descobrimentos*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990. p. 31-32. A distinção, contudo, entre sagrado e profano proposta por Renata de Araújo é questionável. O sagrado não se caracteriza por um conjunto de símbolos estabelecidos *a priori* em contextos isolados das práticas religiosas de um certo universo místico. Antes, como aponta Mircea Eliade, preferimos entender o sagrado como um fenômeno identificável no momento em que se apresenta como uma experiência religiosa (ELIADE, Mircea. *Origens: história e sentido na religião*. Lisboa: Edições 70, 1989, p. 9-13), o que, de maneira alguma, exclui o elemento do prazer. Tal elemento pode ser caracterizado como sagrado, desde que faça parte de algo que se apresenta como uma suspensão do tempo profano, visando uma reinstauração do tempo essencial das origens. Assim, a “festa” não é uma mistura ou simbiose do sagrado e do profano, mas, é uma forma legítima de manifestação do sagrado. A associação entre profano e prazer é um juízo de valor contemporâneo e ocidental daquele que considera as práticas religiosas da igreja, hoje, algo monótono e sem atrativos.

